

---

## TERRITÓRIOS EDUCACIONAIS DISTINTOS: PONDERAMENTOS SOBRE A ESCOLA DUALISTA

**Gladis Furlan**  0000-0002-3001-2075

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

**Dr. Eduardo Portanova Barros**  0000-0001-5832-5711

PNPD/CAPES Universidade Estadual do Oeste do Paraná

**Dr. Eric Gustavo Cardin**  0000-0001-7813-5544

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

**RESUMO:** Este artigo tem como foco as questões educacionais presentes na escola pública contemporânea. Essa compreensão, por sua vez, tem grande potencial na instrumentalização dos educadores na luta e resistência aos modelos de dominação implantados. Diante dessas considerações, este artigo tem como objetivo discutir a problemática da escola dualista com bases nos postulados teóricos de Baudelot e Establet (1975). Esses autores denunciam a existência de uma escola dualista, dividida em duas ideologias advindas da concepção burguesa de mundo para manter as distintas classes sociais. Para transcender essa estruturação, é necessário, conforme aponta Gramsci (1937), que haja a libertação das amarras da ideologia burguesa dominante, a qual só ocorrerá mediante a desconstrução da visão vigente de sociedade. Nessa mesma linha de pensamento, as reflexões de Saviani (2002) nos ajudam a perceber a interferência dos elementos historicamente construídos na realidade educativa atual. De cunho qualitativo, este trabalho enfatiza a necessidade de uma formação cultural capaz de elevar a consciência humana em um nível holístico e coletivo que produza comportamentos desvinculados da submissão ao capitalismo opressor e seletivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola Dualista; Educadores; Estado.

## DIFFERENT EDUCATIONAL TERRITORIES: CONSIDERATIONS ABOUT THE DUALIST SCHOOL

**ABSTRACT:** This article aims to focus on educational issues present in contemporary public schools. This understanding, in turn, has great potential in the instrumentalization of educators in the struggle and resistance to the models of domination implanted. In view of these considerations, this article seeks to discuss the problem of the dualist school based on the postulates theorists of Baudelot and Establet (1975). These authors denounce the existence of a dualist school, that is, divided into two ideologies arising from the bourgeois conception of the world to maintain the different social classes. In order to transcend this structuring, it is necessary, as Gramsci (1937) points out, to be freed from the shackles of the dominant bourgeois ideology, which will only occur through the deconstruction of the current vision of society. In this same line of thought, Saviani's reflections (2002) help us to perceive the interference of historically constructed elements in the current educational reality. Of a qualitative nature, this work emphasizes the need for a cultural formation capable of raising human consciousness at a holistic and collective level that produces behaviors that are unrelated to submission to oppressive and selective capitalism.

**KEYWORDS:** Dualist School; Educators; State.



## 1 INTRODUÇÃO

Com o advento do capitalismo, a produção passou a ser fortemente inspirada pela busca ao lucro e, em vista disso, os detentores dos meios de produção passaram a empregar estratégias e técnicas que foram sendo cada vez mais aperfeiçoadas. Os principais métodos foram a racionalização do processo produtivo, o aprimoramento das técnicas e a exploração da força de trabalho. Somado a isso, as relações sociais opressoras e desiguais como apontam Gramsci (1978) passaram a incidir sobre a instituição escolar e a determinar as finalidades do processo educativo.

Mediante todos esses aspectos, percebemos que a escola, é conduzida de modo a contemplar as demandas do capital que consiste no fornecimento da escolarização básica para formação de mão-de-obra, massa de manobra para o mercado. Com este propósito, observa-se o estabelecimento e a oferta de uma formação precária.

A crise educacional que desabrocha na contemporaneidade revela a intenção e os fins da educação escolar dentro do aspecto capitalista, a qual vai além da aparente estabilidade econômica e da mascarada harmonia social. Mas se é pela educação que se implanta formas de dominação, também é por essa mesma educação que se vislumbram mecanismos de resistência (GRAMSCI, 1978), isto porque a educação é uma experiência essencialmente humana, sendo culturalmente formada pelas experiências acumuladas pelas gerações e constantemente transformada nas diversas esferas sociais, especialmente pelas relações de trabalho.

A dimensão subjetiva da educação contempla a produção do saber, da teorização, da filosofia e da ciência. Devido a sua amplitude, é importante discutir os saberes produzidos, para quem e por quem, sobre o espaço escolar e sua função social. Refletir sobre o fenômeno educacional e os desafios que se apresentam consiste em uma necessária tarefa, pois não se trata apenas de perspectivar o ato educativo em si, mas



também de equacionar as relações de dominação que tanto sobrepujam quanto se originam a partir da instituição escolar.

No livro *Pedagogia Histórico-Crítica*, Saviani (2008), destaca que o trabalho educativo de fato capacita o homem em sua formação humanizada e o desperta para sua essência humana, sensível e social. Sob este entendimento, o ato de educar é historicamente produzido, transformado e culturalmente imortalizado, comportando um significado político e representando a própria sobrevivência do homem e a essência do “educador”.

Contudo, mesmo diante de toda a sua importância, observa-se que o direito inalienável à educação não garante o seu acesso e nem a formação humanitária dos sujeitos. Mas por que não? Para entender essa dicotomia entre educação e humanização é necessário pensar a sociedade nas suas diferentes formas e manifestações dentro e fora da escola.

Abordar o processo educativo e a relação do trabalho dentro da dinâmica social auxilia a entender e identificar o movimento educacional nos dias atuais. Nossa intenção não é esgotar o tema proposto, mas, em um recorte dele, objetivamos discutir a problemática da escola dualista com bases nos postulados teóricos de Baudelot e Establet (1975). Esses autores denunciam a existência de uma escola dualista, isto é, dividida em duas ideologias advindas da concepção burguesa de mundo, para manter as distintas classes sociais.

Para os dois estudiosos, a escola possui um caráter reprodutivista e por este motivo é organizada, de maneira intencional, de forma dual com a finalidade de educar uns para mandar e outros para obedecer. Esta estrutura é pensada com o intuito de favorecer o sistema produtivo capitalista, e, assim, manter e reforçar o modelo social existente.



## 2 UM MESMO CAMINHO, DESTINOS DIFERENTES: REFLEXÕES SOBRE O ANTAGONISMO ESCOLAR

A educação representada pela instituição escolar e o trabalho socialmente elaborado são elementos constituintes e mediadores da formação indenitária, intelectual e social dos sujeitos. Assim, não há como pensar o processo educativo separadamente do processo produtivo ou vice-versa.

[...] na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; estas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência (MARX, 1984, p. 33).

Ignorar a relação existente entre ambas as atividades ou desvincular suas funções das demais instâncias sociais podem obscurecer ainda mais a compreensão da organização social e da percepção das formas de dominação entremeadas no circuito sociedade-educação. Por isso a ausência ou a fragilidade de reflexões sobre essa relação prejudica a formação humana e favorece a propagação de um sujeito alienado e acomodado.

A ordem social e econômica em vigor, que advém dos processos de produção capitalista, determinados pelos detentores dos meios de produção, tornam os sujeitos produtores alheios a totalidade do processo de produção e isto redundando na alienação dos mesmos, com isto, se tornam indivíduos individualistas e unilaterais pois se retira deles a consciência política, crítica e sensível. Assim, o sujeito alienado não reflete, não analisa, não questiona o processo produtivo do qual participa, convertendo-se em um mecanismo do sistema. Sobre isso, Marx (1984) afirma que essa manipulação e controle da mente do ser humano faz com que o sujeito se mantenha “assujeitado” e dócil.



Aqui está, segundo Baudelot e Establet (1975) um dos dilemas da escola: a separação entre a formação intelectual e acadêmica de um lado, e a técnica profissional de outro. A existência de duas formações dentro de uma só escola, desenvolve assim processos educativos para sujeitos socialmente separados pela classe social e poder aquisitivo. Essa via de mão dupla impossibilita um diálogo formativo e promove um ambiente extremamente influenciador numa lógica mercadológica de produção em massa e de uma pequena parcela que usufrui de uma educação elitizada.

Esse embate ocorre quando em uma sociedade capitalista separa-se o produto do trabalho do seu trabalhador, assim conseqüentemente sucede na educação, quando separa-se o processo intelectual do manual, deturpa-se o objetivo do ato educativo tornando-o exclusivista e seletivo. Assim, reafirma-se a sentença mencionada anteriormente de que, o reconhecimento da educação como direito de todos não corresponde e não é suficiente para a formação humanitária dos sujeitos.

A mesma fragmentação do trabalho socialmente produzido também está presente no ambiente escolar conforme admite Aranha (2008). Para essa autora a prática pedagógica está à mercê da ideologia capitalista dentro da sua organização escolar. Essa realidade se concretiza quando a escola permite formações diferentes para cidadãos oriundos de classes sociais diferentes. Nesse sentido, a autora considera que a prática pedagógica se alia a reprodução ideológica burguesa por estabelecer métodos diferentes à alunos diferentes. Tratar-se, nesses termos, de uma educação escolar afinada com a divisão de classes, sendo evidente a estreita relação entre educação e processo produtivo.

Problematizar essa conjuntura permite compreender, sobretudo, as atribuições conferidas à escola. A partir desse olhar, percebe-se que a instituição escolar funciona como uma estratégia organizada com base em um conjunto de procedimentos planejados para se alcançar o objetivo da classe dominante de manter o controle das futuras gerações (GRAMSCI, 1978).



O processo de desenvolvimento econômico e social advindo da revolução industrial (1850) e seus reflexos, marcaram profundamente a educação no Brasil entre o final do século XIX e início do século XX. Sobre o modo capitalista que se instaurou, pode-se afirmar que da perspectiva da

[...] análise histórica global do modo de produção capitalista e, portanto, da teoria decorrente dessa análise o desenvolvimento do capitalismo implicou o deslocamento do eixo da vida societária do campo para a cidade e da agricultura para a indústria, ocorrendo, inclusive, um progressivo processo de urbanização do campo e industrialização da agricultura (SAVIANI, 2007, p. 191).

No entendimento do autor, o resultado dessa transformação foi a instauração de um poder político e econômico de um Estado que “se pôs como agente, no plano governamental, da hegemonia da burguesia industrial” (SAVIANI, 2007, p. 193). Em outras palavras, essa aliança entre governo e donos de meios de produção resultou em um arranjo de forças que procurava, além de garantir um controle social por meio do próprio sistema econômico, produzir uma legitimação por meio da elaboração de todo um aparato ideológico que visava padronizar ações, pensamentos e comportamento das massas. Isto, por sua vez, acarretou na perda da consciência crítica que, associada à mecanização e à homogeneização conduzem ao estado alienado dos sujeitos. Não bastasse essa dinâmica, a minoria dominante entendeu que deveria proporcionar uma educação que atendesse a um modelo ideal de formação para gerir a maioria dominada.

Diante de tais mudanças, o cenário educacional sofreu alteração no seu caminho rumo a um modelo de sociedade mais modernizada e articulada. Em decorrência disso, houve uma imposição de uma nova função social à escola que passou a ser vista como reflexo da sociedade. Nesta circunstância, priorizou um modelo pedagógico e organizacional que possibilitasse a sustentação da reprodução social dentro de um modelo capitalista em avanço. Desta maneira, houve a incorporação da ideologia desse novo molde de economia ao trabalho pedagógico. Com isso,



---

No fragor do processo de industrialização e de resistência ao mesmo, a escola adotou como norte a preparação de crianças e jovens para constituir uma mão de obra assalariada disposta, dócil e manejável (ENGUIITA, 1989, p. 120).

Foi nesse contexto que a escola pública foi tomando forma e com a nova produção da vida material foi-lhe incorporada a exigência da preparação de sujeitos adaptados e habilitados para trabalhar nas fábricas e com formação ideológica para manter o status quo sem ameaças de nenhum tipo de resistência ou revolução do trabalhador proletariado. A escola se torna a melhor ferramenta para esse ideal.

A transição para a era da industrialização não impediu que a escola passasse a ser um modelo de segregação e exclusão social, pelo contrário, se tornou a maior aliada da implementação dos moldes capitalistas. O foco dessa instituição foi, portanto, a busca incessante da ordem, da pontualidade e de qualidades que formariam um trabalhador sujeito as exigências do capitalismo, o ensino reflexivo, de alto padrão e de formação humana ficaria para a parcela elitizada que compunha os grupos burgueses.

No âmago desses acontecimentos Snyders (1981, p. 299) alerta para o fato de que diante da “[...] possibilidade de evolução e progresso, nunca os explorados estão prestes a conquistar algo [...] é sempre uma questão de classe; a luta de classes está ausente, e é por assim dizer impossível”. E como fica a escola nessa conjuntura? Refletindo sobre a dimensão do ato educativo dentro dessa sociedade capitalista, percebemos, conforme apontam Baudelot e Establet (1975) que o poder econômico lançou as regras da produção fabril para dentro dos muros da escola remodelando as práticas educativas.

Diante do exposto, entende-se a preocupação da burguesia em manter um ponto de equilíbrio entre uma educação capaz de dominar a grande massa para o trabalho exaustivo e uma educação para a elite que não precisasse ir ao chão da fábrica, ficando apenas em escritórios.

Essa divisão dual de classes na escola, foi primeiramente identificada e apresentada pelos professores Baudelot e Establet (1975) cuja contribuição possibilitou desvendar a ilusão ideológica da unidade da escola. Esses autores de orientação



marxista, desvelam, o mito da escola única descrevendo os mecanismos de segregação e de alienação sociais, que se estendem à escola e são refletidos por ela.

Sobre o sujeito alienado, Marx (1993, p. 161) escreve:

[...] quanto mais o trabalhador produz, tanto menos tem de consumir, quanto mais valores cria, tanto mais sem valor e mais indigno se torna; quanto mais refinado o seu produto, tanto mais deformado o trabalhador, quanto mais civilizado o produto tanto mais bárbaro o trabalhador [...].

Essa alienação denunciada tanto pelos autores franceses, como inicialmente pelo próprio Marx e por Engels nas obras: *Manuscritos Econômicos – filosóficos* (1844), *A sagrada família*, (1844), *A ideologia Alemã* (1867) pontuam que o indivíduo alienado é unilateral, ou seja, a ele foi conferida a possibilidade de desenvolver apenas as capacidades executivas.

Ao afirmar que do “idiotismo do ofício” (MARX, 1949, p. 115), gerado pela divisão do trabalho “na medida em que as circunstâncias nas quais o indivíduo vive apenas lhe permitem desenvolver uma qualidade, à custa das demais, o indivíduo, então, não vai além de um desenvolvimento unilateral, mutilado” (MARX, 1958 apud MANACORDA, 2010, p. 85), o autor denuncia que, a mercadoria não é mais o produto confeccionado e criado, mas, sim o próprio trabalhador. Dentro dessa perspectiva marxista que se explicitam as relações entre educação, trabalho e cidadania, e decorrente disso o trabalho alienado, gera a educação unilateral que permite uma formação marginalizada e politicamente pobre, inclinada à ignorância.

### **3 A ESCOLA COMO ESPAÇO DE REPRODUÇÃO DAS MAZELAS SOCIAIS**

Dentro do cenário social dicotômico se deflagra a luta entre a classe burguesa versus a proletária que se prolonga para o campo educacional. A esse respeito, comungando da proposta dos autores franceses Baudelot e Establet (1975) expressa especialmente na obra *La escuela capitalista* (1975). Saviani (2002) também entende o



antagonismo escolar e aponta a visão burguesa como propulsora da ideia dualista de escola, pois, separava os trabalhadores em atores intelectuais e atores manuais. Por tanto, provém daí o termo “escola dual”. Os efeitos da divisão entre encarregados e subalternos nos processos produtivos fora da escola foi a “separação material das práticas escolares e das práticas produtivas (da teoria e da prática)” (SNYDERS, 1981, p. 147).

Em suma, Baudelot e Establet (1975) organizaram a escola em dois grandes níveis básicos: Primária profissional, direcionada aos que deveriam ocupar cargos de execução, filhos de pais operários e o secundário superior, para os filhos dos burgueses, intelectualmente mais aptos, os quais ocupariam cargos de gerenciamento. Sobre essas colocações, é injusto afirmar que a escola seja culpada por essa separação, mesmo que ela conceba a postura ideológica advinda da burguesia, a culpada desta condição é a sociedade, segundo Gadotti (1997, p.196) “A escola, o professor e o aluno não são responsáveis, ou réus, mas vítimas”.

Logo que os autores identificam esse sistema de ensino, eles expõem uma rede heterogênea e conforme eles, essa mesma rede é dividida em duas, de forma velada, de maneira que a massa de crianças de origens de classes proletárias, são escolarizadas e conduzidas à situações opostas. Desvendam duas intensas ideologias que ficariam incrustadas até hoje no sistema de ensino: a dominante representada pela elite burguesa e a dominada representada pelo povo pobre proletário, com uma única identificação entre as mesmas, a relação de oposição e opressão. Nesta ótica, aponta Snyders (1981, p. 331), “[...] a ideologia da classe dominante é contrária aos interesses objetivos das classes dominadas”.

Com isso, observa-se que a estrutura de ensino levantada por Baudelot e Establet (1975) faz crítica ao capitalismo e suas estratégias educacionais de reprodução mecanicista, apresentando certo sentimento de conformismo, crendo ser nada mais que uma cultura de classes, não oferecendo propostas de ação para a superação dessa situação. Saviani (2002) destaca que a falta de ação dos autores, está ligada a preocupação que tiveram em procurar relatar apenas os mecanismos da escola dual.



A teoria da escola dualista segundo Saviani (2002) está vinculada a tendência pedagógica crítico–reprodutivista, onde a função social da escola é vista apenas como reprodutora. Não se vê a escola como agente ativo de libertação dessa repressão delatada. Nesse ângulo de visão, tal teoria compreende a educação como um canal de discriminação social se tornando em um dos fatores da marginalização. Nesse panorama, a escola reproduz a segregação de uma sociedade alicerçada na oposição de duas classes: uma identificada pela posse dos meios de produção, a burguesia; e a outra caracterizada pela força de trabalho, o proletariado.

Mediante essa análise, não se pode negar a importância dada nessa teoria para o sistema educacional. Ela mostra como funciona esse engendrado sistema de reprodução social dentro do ambiente escolar, no entanto, não identifica nem reconhece outra alternativa para a escola a não ser da reprodução desse processo.

Nessa mesma esteira de pensamento, Cambi (1999, p. 202) também considera que as escolas “[...] formam todas as jovens gerações e as conformam a modelos de normalidade e de eficiência/produktividade social, além de docilidade político-ideológica”. Esse autor caracteriza a escola como ambivalente, isto é, pode tanto libertar como oprimir, depende dos interesses de quem a pensa.

Esse processo de trabalho é submetido a uma hierarquia pedagógica e burocrática que controla com base na ideologia da política de Estado, que por sua vez, tem sua lógica ditada pelo mercado. Essa circunstância ligada a uma condição de retificação e engodo, se converte num instrumento reprodutor dessas técnicas de controle da classe operária. Essa dinâmica também se consolida no cerne do trabalho pedagógico:

A expropriação do trabalho docente é um processo paulatino e recorrente ao longo dos anos. Na atualidade, há diversas formas pelas quais os mecanismos e agências exteriores à escola exercem influência na educação. De certa forma, essas condições revelam uma submissão dos objetivos educacionais às necessidades impostas pela sociedade, principalmente, as exigências feitas pelos meios industriais (SANTOS; NEUVALD, 2018, p. 54).



Dentro do campo educativo essa é uma das inúmeras circunstâncias que ilustram a instauração e a permanência da lógica burguesa de pensamento na escola. Com base nessas ocorrências, segundo Oliveira (2011, p. 33),

[...] temos como resultado a geração de processos educativos reduzidos a um tipo de pensamento sem reflexão crítica, e perfeitamente adaptado aos moldes da Indústria Cultural, o que leva o indivíduo a abdicar pelo processo de adaptação às possibilidades de auto-determinação e auto-reflexão, conformando-se aos padrões sociais.

Esse fato ainda é representativo da ideologia capitalista que ganhou força, ancorado em princípios como imediatismo, individualismo, meritocracia, produtividade. A sociedade tem promovido a restrição e a artificialização do diálogo subvertendo-o em monólogo, negando o direito ao diálogo, uma vez que a capacidade da linguagem é uma das características que distingue o homem dos demais animais, ou seja, desumanizando os sujeitos.

Todavia, como nos mostra Gramsci (1978) é nesse mesmo campo educativo, formado por essas adversidades até aqui mencionadas, que se vislumbra possibilidades de mudança. Esse teórico compreendia o referencial educacional burguês como um “aparelho privado”, isso significava que a escola pública além de ser um aparelho de reprodução social, econômico e cultural, era também de hegemonia do Estado.

Esse autor conseguiu vislumbrar o confronto entre essas duas noções de escola e os problemas sociais que as assolavam, indo além da percepção de reprodução das relações de trabalho na escola. Ele não apenas percebeu que a escola realizava essa mesma função dentro de suas paredes por métodos opressivos de aprendizagem ainda que, se apresentando como uma instituição neutra, como também, ele acreditava que a mudança poderia ocorrer, desde que houvesse uma mudança inicial na cultura, onde as pessoas pensassem de forma unitária. A escola não estava então, segundo a visão gramscianiana de todo perdida. Se a escola era vista como organismo de manutenção do



capitalismo, nos postulados desse autor, percebemos a educação institucionalizada como porta de superação da ignorância e reversão da situação de dominação.

Para Gramsci (1977), a ideologia hegemônica burguesa, é exatamente o controle do direito ao aprendizado intelectual e da construção cultural. Esse conflito entre maquinaria e os meios de produção com a classe operária vão estreitando cada vez mais as características dessas classes sociais, adaptando a escola em um instrumento de sustentação e reprodução dessa estrutura social.

Portanto, esse autor contemporâneo, a partir da percepção de que a escola deve ser de qualidade e para todos, sem inculcar ideologias dominantes, desenvolve a noção de escola unitária, o “princípio unitário” o qual entende a instituição escolar como único campo de luta e igualdade (GRAMSCI, 1977, p.1538). Superando as divisões de classe que separam a sociedade, o estudo gramsciano tem o princípio nas relações de trabalho e escolares constituindo uma construção cultural juntamente com a organização civil igualitária, proporcionado ao homem sair das condições de subalternidade. Nesses termos, a “escola unitária” é delineada como um processo do trabalho intelectual e também cultural, uma verdadeira transformação de métodos e ensino:

[...] O advento da escola unitária significa o início de novas relações de trabalho intelectual e trabalho industrial não apenas na escola, mas em toda a vida social. O princípio unitário, por isso, irá se refletir em todos os organismos de cultura, transformando-os e emprestando-lhes um novo conteúdo [...] (GRAMSCI, 2004, p. 40).

Gramsci nos redireciona o olhar ao voltar a atenção para um novo movimento intelectual e de consciência, que possa expandir novas ideias e concepções de mundo, de humanidade e de formação humana completa, entre a teoria e a prática que seja para todos, sem conflitos de interesses. Com isso, contribuir na formação cultural capaz de elevar a consciência humana num nível humanitário e coletivo que produza outros comportamentos, desvincular desse modo, a completa submissão ao capitalismo opressor



e seletivo. Essa direção formativa, humana e pensante, implica em novas formas de agir e de relação social.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lançando um olhar crítico sobre o cenário educacional encontramos uma educação precária, vítima do agenciamento do capitalismo no campo econômico e político que, com esse abandono proposital, projeta na surdina, entre outros intentos, a privatização da educação. Nesses termos, os educadores precisam refletir sobre o contexto sócio-histórico, sobre sua ação educativa diante das mudanças e permanências das perspectivas pedagógicas e, a partir disso, agir criticamente na construção de uma instituição escolar atenta às necessidades dos grupos sociais oprimidos, para a formação de crianças, homens e mulheres – da classe trabalhadora - como sujeitos históricos participantes ativos da sociedade e que tenham seus direitos respeitados, faz-se necessário revisão de paradigmas e desvencilhamento de racionalidades com vistas à reestruturação do sistema educacional.

Na medida em que a educação escolar é poluída pelos ditames do sistema econômico, ela se distancia de uma formação humana reflexiva e se associa a um modelo educativo industrial. O debate da noção de escola dualista e das alternativas de sua transformação, do ponto de vista acadêmico, é imprescindível, uma vez que, além de ser uma prática social, se configura, em um ato político; que por conseguinte, incide e direciona a vida dos sujeitos.

É pertinente destacar que, muito mais que apontar recorrentes problemas, o interesse desse estudo é entender como esses processos funcionam e se inter-relacionam e como infunde na constituição dos sujeitos envolvidos. Compreender melhor a sociedade que produzimos para conscientemente transformá-la, reconhecendo que ela poderia ser construída por outros modos. Assim sendo, precisamos problematizar as racionalidades que embasam os arranjos e dispositivos que causam o condicionamento da prática



educativa e a sujeição do ser humano. Esse reconhecimento, por sua vez, pode promover reflexões críticas que fomentem a proposição de pontos de resistência e ações de mudanças.

As ponderações aqui tecidas (ainda que merecedoras de aprofundamento em estudos futuros) a respeito das reverberações do capitalismo na vida humana, denunciam uma configuração contextual afetada e que se tangencia sobre o âmbito escolar.

Ao refletir sobre essa estruturação social emergente percebemos que o ensino escolar orquestrado pelas demandas do capital, se assujeita realizar uma prática educativa que tenha como resultado a padronização dos alunos nos seus modos de pensar e agir. Sem saída, o professor é obrigado a ser subserviente e se vê preso às amarras do sistema que lhe parece intransponível.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. de A. **Filosofia da educação**. São Paulo: Moderna, 2008.

BAUDELLOT, C.; ESTABLET, R. **La escuela capitalista**. México: SIGLO Vientiuno, 1975.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

ENGUITA, M. F. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

GADOTTI, M. **Histórias das ideias pedagógicas**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

GRAMSCI, A. **Concepção Dialética da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRAMSCI, A. **Quaderni del carcere**. Turim: Einaudi, 1977.

MANACORDA, M. A. Escola e sociedade: o conteúdo de ensino. *In*: MANACORDA, M. A. **Marx e a pedagogia moderna**. 2. ed. Campinas, SP: Editora Alinea, 2010.



MARX, K. **Miseria della filosofia**. Roma: Edizioni Rinascista, 1949.

MARX, K. **O Capital**: Crítica da economia política. Vol. I, Tomo I. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, K. **O capital**. V. I, Tomo 2. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MARX, K. **Manuscritos económico-filosóficos**. Lisboa: Ed. 70, 1993.

OLIVEIRA, M. R. F. de. **A lógica do consumo na sociedade contemporânea e a sua influência na mediação do professor no processo de formação do pensamento infantil**. 2011. 293 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, 2011.

OLIVERIA, M. R. F. de. **Política e educação**: ensaios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, L. M. NEUVALD, L. Ofício de professor: entre o artífice e o artista, uma análise adorniana. **Cadernos da Fucamp**, v. 17, n. 30, p. 52-71, 2018. Disponível em: <http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/viewFile/1271/961>. Acesso dia: 28 jan. 2022

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 35. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico – crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção Educação Contemporânea).

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SNYDERS, G. **Escola, classe e luta de classes**. 2. ed. Moraes: Lisboa, 1981.

Recebido em: 24-08-2022

Aceito em: 31-08-2022

